

MARIA HELENA



Capa do LP *Maria Helena* (1987), lançado pela RGE/RJ

## Uma griô, entre o palco e o axé

Na tradição de matriz africana, griô é quem guarda e transmite a memória coletiva, não apenas como narrador, mas como ponte viva entre passado e presente. É quem ensina pela palavra, pelo exemplo e pela escuta. Entre os que conviveram com Maria Helena Montier, esse é um dos sentidos mais recorrentes para defini-la: uma griô contemporânea.

Maria Helena Montier escapava de qualquer definição única. Entre parceiros, familiares e pesquisadores, há um consenso de que sua atuação extrapolava o palco. Guardava histórias e transmitia saberes no convívio direto. Era conhecida por incentivar

quem estava começando, indicar oportunidades e, muitas vezes, puxar outros para o palco.

Mãe de santo – ou, como preferia ser chamada, zeladora de santo –, recebia pessoas de diferentes regiões do Brasil e até do exterior em busca de orientação. Ainda assim, evitava projetar essa dimensão como marca pública central. Não negava sua função religiosa, mas tampouco a transformava em autopromoção.

Sua espiritualidade era prática: atendia, orientava, acolhia. Ao contrário de outras lideranças, não estimulava necessariamente a formação de novos filhos de santo, preferindo que cada um construísse seu próprio caminho.

Maria Helena era direta, exigente, pouco afeita a concessões. Ao mesmo tempo, mantinha uma capacidade constante de cuidado. Criou filhas, acompanhou netas, acolheu diferentes trajetórias ao longo da vida. Sustentou, muitas vezes sozinha, estruturas familiares e redes de apoio que extrapolavam o círculo doméstico.

Até os últimos anos de vida,



Agenda da sambista seguia cheia de eventos em seus últimos anos de vida

manteve uma rotina ativa. Cantava, participava de eventos, seguia em contato com parceiros antigos, mesmo diante de limitações físicas. Sua morte, aos 81 anos, encerra uma trajetória marcada por deslocamentos geográficos, sociais e simbólicos – de Porto Alegre ao Rio de Janeiro, do rádio

ao carnaval, do palco ao terreiro.

Para mulheres que vieram depois, especialmente mulheres negras, sua presença abriu caminhos. Sem necessariamente reivindicar esse lugar em discurso, Maria Helena o construiu na prática, como fazem os griôs: vivendo, ensinando e deixando marcas.

## Carnaval gaúcho: a oralidade como arquivo vivo

A história do Carnaval gaúcho não está nos arquivos. Está nas pessoas.

Diferente de outras manifestações culturais institucionalizadas, o samba no Rio Grande do

Sul se construiu à margem dos registros formais. Parte da documentação se perdeu ao longo do tempo entre incêndios, mudanças de gestão e descaso histórico. Outra parte nunca chegou a existir.

O que permanece atravessa décadas pela oralidade, sustentado pela memória de quem viveu.

“O Carnaval é o retrato do negro no Brasil”, resume o cantor e pesquisador Aryzinho Rodrigues, ligado às escolas desde a infância. A frase aponta para uma condição recorrente: uma cultura central na prática, mas frequentemente lateral no reconhecimento.

Nesse contexto, o Carnaval se consolida como uma das principais expressões da cultura negra no Estado – espaço de pertencimento, identidade e criação coletiva. Ao mesmo tempo, evidencia as lacunas de um País que pouco registrou essas trajetórias.

Se fora dos registros o Carnaval muitas vezes não foi preservado, dentro das escolas ele se sustenta no trabalho cotidiano de quem o constrói.

O desfile que chega à avenida é resultado de um trabalho contínuo, construído em ensaios, barracões e articulações comunitárias. É nesse cotidiano que o Carnaval se sustenta – e nele, a presença feminina é decisiva. São mulheres que organizam, costumam, articulam, mobilizam e mantêm vivas as redes que tornam o desfile possível.

Ainda assim, visibilidade e protagonismo não se distribuem da mesma forma. O microfone principal – ponto de comando da escola – foi historicamente ocupado por homens. Não por imposição formal, mas pela repetição de

um padrão que se consolidou ao longo do tempo. Algumas mulheres chegaram a esse espaço, mas suas presenças não se converteram em tendência.

Nomes como Shirley Machado, Neusa Maria e Vitória Feijó permanecem na memória das escolas, reconhecidas por quem acompanhou suas trajetórias. São referências importantes, mas ainda pontuais dentro de uma estrutura que pouco se alterou nesse aspecto.

Foi nesse cenário que Maria Helena se destacou.

Sua presença no canto oficial não redefiniu sozinha esse espaço, mas produziu uma mudança perceptível. Ao sustentar o microfone em grandes escolas, ocupou com consistência um lugar historicamente restrito.

Outro destaque, para além da voz, era a forma de atuação. Circulava entre escolas, participava de ensaios, dividia palco com iniciantes. Seu percurso se construía em relação direta com a comunidade.

“Maria Helena abria caminhos.” A frase, recorrente entre aqueles que conviveram com ela, não aponta para uma transformação concluída, mas para um movimento: a ampliação, ainda que gradual, do que se torna possível.



Cantora puxou enredos de escolas como Imperadores do Samba e Realeza

ACERVO DO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO/GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PMPA/IC



**Gabrieli Silva** é repórter freelancer e fotógrafa independente